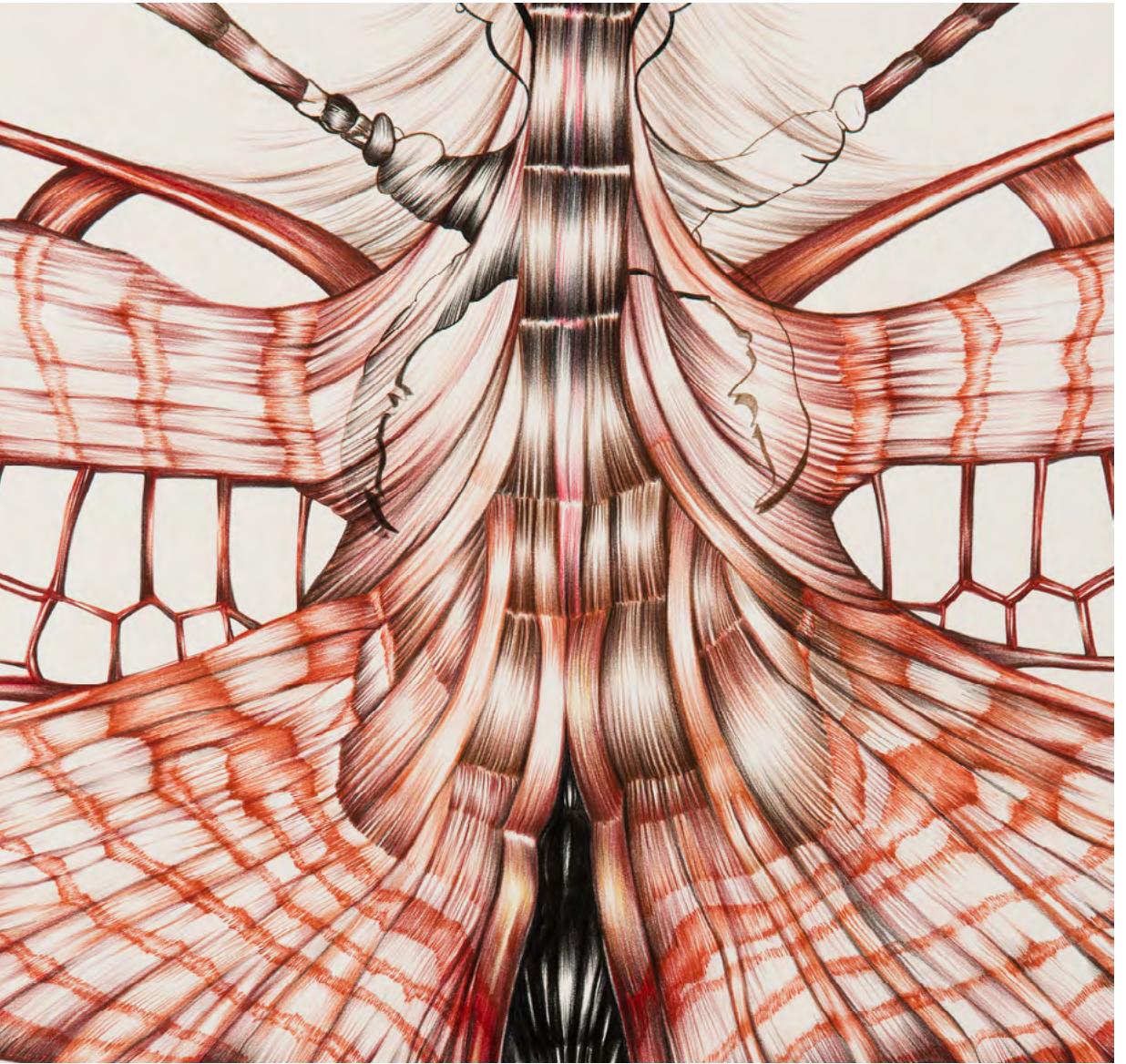




	rodolpho	parigi
levitação		
galeria		nara roesler



detalhe/detail -- *libélulis myraxicum*, 2015 -- lápis de cor permanente sobre papel 100% algodão/permanent color pencil on 100% cotton paper --  
140 x 300 cm

**rodolpho parigi**

**será que eu sou medieval?**

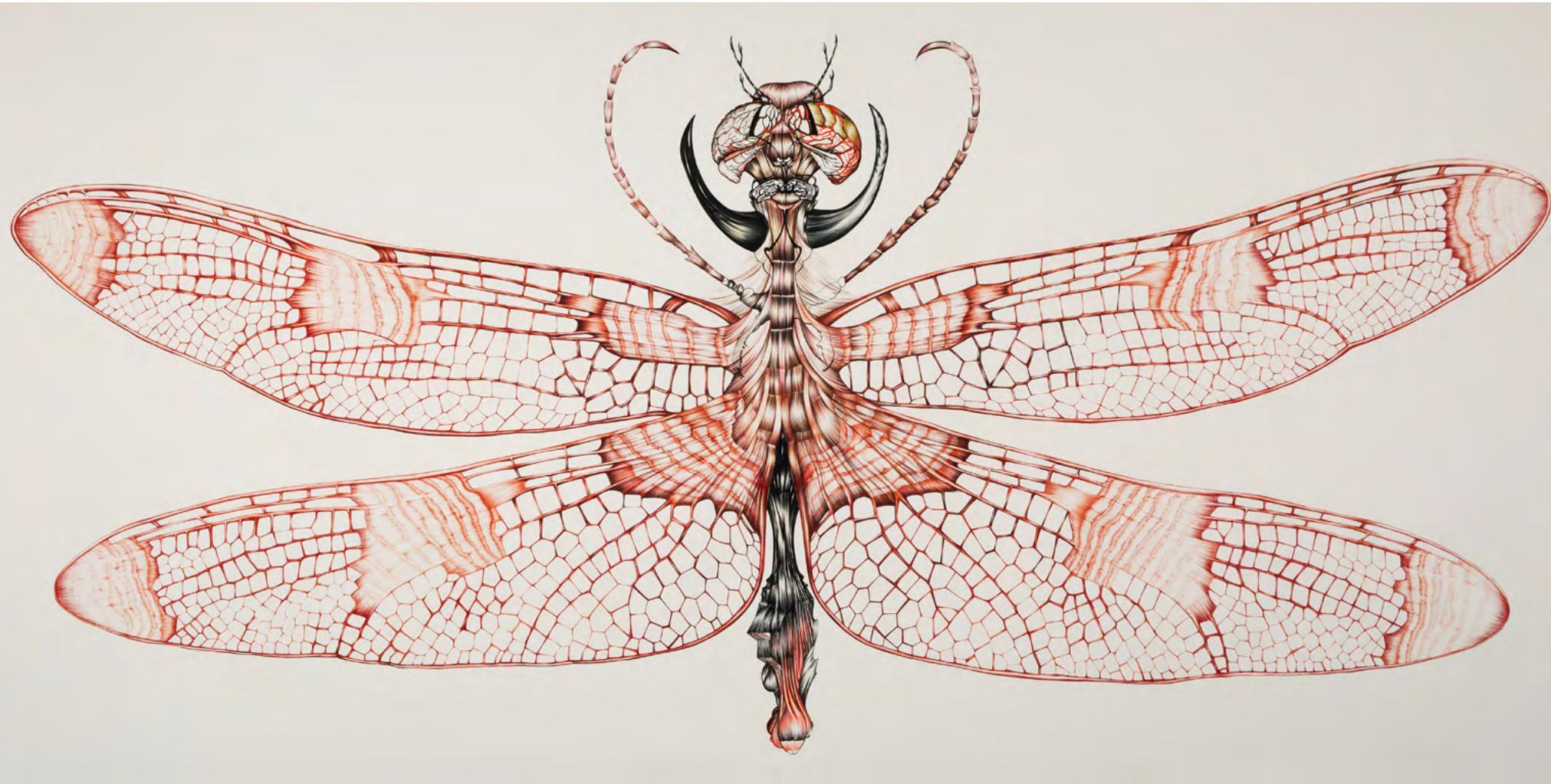
**bernardo josé de souza**

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Fancy Violence deu por si na cama, transtornada sob os lençóis manchados de um vermelho intenso, encarnado como o sangue. Pôs-se em pé num átimo, ainda impactada pelo turbilhão de memórias que lhe assomavam à mente em velocidade louca, vívidas como os afrescos, tão aterradoras que até mesmo os defuntos fariam levantar. Na intimidade, entretanto, ela sabia não ser seu destino acabar como um mortal: atravessara os séculos impávida diante das tragédias maiores, sofrendo em silêncio, resoluta em sua missão iconoclasta, fosse ela nobre ou marginal - ademais, seu sangue era de cor negra, e o vermelho só poderia vir da tinta a óleo que vertia de seus pincéis ou de qualquer criatura que cruzara seu caminho inadvertidamente na noite anterior. A mediocridade lhe horrorizava como poucas coisas na vida.

Tentou passar em retrospecto as últimas vinte quatro horas (tarefa insana!), buscando acessar aquela

centelha de memória que tudo elucidaria, e quem sabe assim trouxesse paz ao seu espírito indômito, fustigado pelas milhares de noites mal levadas e atrocidades cometidas. Por fim, num lampejo, recobrou a lembrança daquela pintura que de há muito vinha lhe obcecando: As Meninas, de Velásquez.

Adquirira o terrível hábito de destruir obras-primas ainda na infância, quando passeava pelo Grand Sablon ou qualquer gabinete de curiosidades que lhe parecesse aviltante, marcado pelo gosto infame de um desavisado aristocrata. Mas no caso em tela, a pintura de Velásquez, meu Deus!, a razão haveria de ser outra, pois aqui não tratava-se de repúdio ao mestre, ao contrário, a ele dedicara dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos de sua angustiante aventura neste planeta. Entretanto havia algo, sim, algo que de imediato disparava seu coração ao contemplar aquela obra: seria ódio ao gênio inalcançável ou repulsa à soberba e feiura daquelas meninas anãs?



**libélula myraxcium**, 2015 -- lápis de cor permanente sobre papel 100% algodão/permanent color pencil on 100% cotton paper -- 140 x 300 cm



**fancy violence -- levitación**, 2015 -- performance durante a abertura da exposição  
**levitação**/performance during the opening of the exhibit **Levitação** -- 22.05.2015

Absolutamente. Era o espelho, sem sombra de dúvidas: a terrível mirada daqueles cavalheiros que lhe punham em face ao desconhecido, àquilo que lhe escapava à visão, o perigo atrás da porta, o olhar de quem esconde-se por detrás da balaustrada, ou do biombo, fazendo troça de sua figura, ora bela, ora atroz. Irremediavelmente, detestava tudo que não fosse frontal. A pior tragédia, se vista de frente, tinha o condão de revelar a brutalidade humana, mas o golpe, ah, o golpe pelas costas fazia ruir qualquer hombridade, vestígio de ética e coragem.

Foi neste momento exato que uma imagem fortuita veio à tona e lhe catapultou ao passado remoto: encontrava-se em sua casa, relendo a Metamorfose de Franz Kafka diante da lareira, donde avistava em

primeiro plano a imponente Grand Place. Bruxelas jamais estivera tão negra quanto naquela noite em princípios do século XX; as fachadas góticas sempre lhe apaziguavam o ânimo: sua geometria estudada e sua organicidade capazes de implodir a forma em um ensemble tão dinâmico quanto perene ecoavam a genealogia do universo - Pitágoras e misticismo em um só gesto. E assim refletiu sobre a natureza das coisas híbridas; sobre o quanto há de matemática na geologia, nos fractais que em desordem dão sentido ao caos em suas belas formas, voluptuosas, é bem verdade, embora jamais reconhecíveis. Diferença e repetição. E assim ela caiu num sono profundo, uma vez mais nos braços de Morfeu.

\*\*\*

Não existia na casa um relógio que funcionasse. O celular que fazia as vezes de alarme fora destruído por um paquiderme qualquer na noite anterior. Haveria, portanto, de confiar em seu relógio biológico, o qual de quando em vez falhava.

Naquela manhã, todavia, ao despertar de sonhos inquietantes, Rodolpho Parigi deu por si em seu atelier, completamente nu: uma revoada de libélulas lhe impedia a visão do todo, e como se estivesse numa tempestade no deserto, removeu a poeira dos olhos espalhadas por esses seres invertebrados, e enxergou-se por completo diante do espelho, tal qual pela primeira vez. A imagem era de um corpo masculino, belo como Adônis, o seu próprio, mas ainda assim algo lhe parecia fora de lugar. Asas pronunciavam-se timidamente desde suas costas, os dedos avermelhados, ainda encardidos de tinta. Ou seria de sangue?

Instintivamente, deu início a um desenho antes jamais divisado, uma forma única que transmutava-se em muitas, umas diversas das outras, as quais jamais lograria repetir igual caso desejasse - mas tampouco isso lhe causava medo. O que ele via era um corpo estranho, alienígena, dono de uma arquitetura fabulosa, sanguíneo como apenas o nanquim poderia engendrar; uma espécie de célula, proto-criatura que movia-se por vontade própria, desafiando o criador, denunciando assim sua própria ambição por controle e autodeterminação. Mas logo a seguir sobreveio o desejo destruidor - a plasticidade do acidente, como diria Catherine Malabou -, fazendo terra arrasada de toda uma estirpe, uma linhagem de obras reconhecíveis em sua estética comum, porém desalmadas, desprovidas do ânimo que apenas o júbilo criativo/destrutivo pode oferecer à audiência. E foi neste momento que evocou os mestres, sobretudo Michelangelo e suas figuras arruinadas, depauperadas, mortos-vivos em plena luz e sombra.

E assim esqueceu-se do ontem, regressou milhares de anos a um ponto zero, ancestral, zona que antecede a Criação, e por conseguinte ao Deus criador. Liberdade suprema, pensou Parigi: e assim o artista recriou não apenas a mulher, mas também o homem e o transexual.

\*\*\*

Havia um corpo estirado no vestíbulo. Todos faziam olhos brancos ao ente desalmado que ali jazia. Era impossível àquela altura definir a linhagem do animal: seria homem, mulher ou bicho, travesti, amarelo ou mulato, branco, pobre ou louca? Ninguém saberia dizer.

Mas Fancy Violence atravessou aquele saguão, marchando sobre o corpo como quem percebe o presente apenas como miragem, intuindo que o tempo futuro lhe reserva surpresas ainda mais reveladoras que aquela recém superada. Pé ante pé, seguiu firme e forte pela Avenida Paulista, e num piscar de olhos esqueceu a obra que acabara de destruir com pinceladas certeiras, embora tão delicadas quanto a mão que acaricia o volume sob o manto sagrado.

Não há medo que faça o artista retroceder. O poder da destruição - profanar sua própria obra - revela-se ao fim o gozo maior.

\*\*\*

Naquele dia decidiu por vontade própria não acordar. Levitaria, apenas, mantendo-se assim acima dos dissabores mundanos. Gostaria de ser apreciado em sua integralidade, fosse qual fosse o nonsense pronunciado pela boca dos mortais que mal entendiam a virilidade criativa concedida por sua natureza híbrida.

Pairava cercado dos seres aos quais dera vida. Monstros ou coisas, estavam vivos, a despeito de tudo e todos. E eles velavam seu corpo.

\*\*\*

*Às vezes eu amo e construo castelos  
Às vezes eu amo tanto que tiro férias  
E embarco num tour pro inferno  
Será que eu sou Medieval?  
Baby, eu me acho um cara tão atual  
Na moda da nova idade média  
Na mídia da novidade média*

Cazuza

\*\*\*

Embalados por uma canção marginal, atentamente guardados pela sentinela magnânima ao alto da galeria - O Grande Rosto, belo como ninguém -, ambos, Fancy e Rodolpho, dormem o sono dos justos, lado a lado. E assim seguiram-se anos à fio, até que despertasse o artista, ensandecido como William de Kooning pintando em seus derradeiros anos, visceral como apenas David Cronenberg saberia ser, apaixonado tal qual Jean Genet em seus devaneios na prisão. Mas havia uma banda, ao fundo, tocando afinada em ritmo violento e plena transgressão, ecoando vozes guturais em arquiteturas clássicas, tais quais as asas das libélulas em sua escandalosa geometria: o pictórico do urucum mesclando-se ao pó divino que emana das figuras aladas sobrevoando um universo em explosão.

Mas pasmem, o artista dormiu com todo o barulho ao redor.



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015



**la grand odalisque**, 2015 -- lápis de cor permanente sobre papel 100% algodão/permanent color pencil on 100% cotton paper -- 140 x 234 cm



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

## am i medieval?

bernardo José de Souza

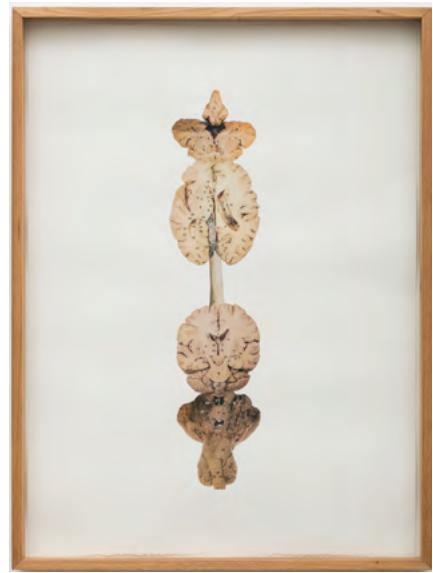
One morning, rousing from disquieting dreams, Fancy Violence found herself in bed, upset about the linen stained a strong, blood-like red. She rose to her feet in a split second, still shaken by the insanely fast whirlwind of memories that swirled around in her mind, vivid as frescoes, so scary they could wake the dead. But deep inside she knew it was not her fate to go out like a mortal: she'd gone through the centuries unscathed by the greatest tragedies, suffering quietly, resolute on her iconoclastic mission, noble or lowly though it may be – moreover, her blood was the color blue, and the red could only have come from the oil paint that dripped from her brushes, or from any unsuspecting creature that might have crossed her path the night before. She abhorred mediocrity like few things in life.

She tried replaying the last twenty fours in her mind (an insane task!), struggling to tap into that spark of memory that would make everything clear, and maybe this would bring peace to her untamed spirit, battered from thousands of rough nights and atrocities committed. Finally, with a flash, she remembered the painting she had long obsessed about: Las Meninas, by Velásquez.

She had developed the terrible habit of destroying masterpieces while still a child, as she strolled across the Grand Sablon or any

cabinet of curiosities that seemed ignominious to her, marked by the infamous personal taste of some unsuspecting aristocrat. But in this particular picture, the Velásquez painting, my God!, there had to be another reason, because it wasn't about renouncing the master; on the contrary, she had devoted days, weeks, months, years, decades, centuries of her disturbing adventure in this planet to him. And yet yes, there was something, something that made her heart race instantly as she contemplated that work: would it be hatred at the unattainable genius or repulse at the haughtiness and ugliness of those midget girls? Definitely. It was the mirror, no doubt: the terrible stare of those gentlemen that confronted her with the unknown, with what escaped her sight, danger lurking behind the door, the gaze of those who hide behind the balustrade, or the room divider, mocking her alternately fair and atrocious figure. She irremediably hated anything that was not frontal. The worst of tragedies, looked upon squarely, had the ability to reveal human brutality, but the blow, oh, the blow behind one's back could cause any manliness, any vestige of ethics and bravery to crumble.

At this exact moment a fortuitous image surfaced, catapulting her into the remote past: she was home, rereading Franz Kafka's Metamorphosis by the fire, from where she saw the imposing



da série/from the serie **atlas**, 2012 -- colagem sobre papel/collage  
on paper -- 75 x 55 cm

Grand Place in the foreground. Never had Brussels been as black as in that early 20th century night; the Gothic façades always soothed her spirit: their thorough geometry and organicity, capable of imploding form into an ensemble at once dynamic and perennial, echoed the universe's genealogy – Pythagoras and mysticism encapsulated in one gesture. And thus she reflected on the nature of hybrid things; on how much math there is in geology, in the disorderly fractals that endow chaos with meaning through their beautiful shapes, voluptuous, that's true, but never recognizable. Difference and repetition. And so she fell into a deep slumber, once again in Morpheus' arms.

\*\*\*

There wasn't a single clock that worked in the house. The cell phone that served as an alarm clock had been destroyed by some pachyderm the night before. Therefore, he would have to rely on his biological clock, which had been known to fail from time to time.

That morning, however, upon rousing from disquieting dreams, Rodolpho Parigi found himself in his studio, stark naked: a flock of flying dragonflies blocked part of his vision, and as if in a desert storm, he flicked the dust from off the eyes that those invertebrate beings had stirred, and saw himself whole in front of the mirror like it was the first time. The image was that of a masculine body, fair as Adonis, his own, but still something seemed out of place. Wings jutted out timidly from his back, the fingers reddened, still encrusted with paint. Or was it blood?

He instinctively started a drawing he'd never envisioned before, a unique shape that transmuted into many, each one different from the last, shapes he'd never successfully replicate if he so wished – but this didn't cause him any fear either. What he saw was a strange body, foreign, endowed with a fabulous architecture, sanguine as only India Ink could concoct; a sort of cell, a proto-creature that moved of its own will, challenging the creator and, in doing so, revealing his own ambition for control and self-determination. But soon thereafter the destructive wish took charge – the plasticity of the accident, as Catherine Malabou would put it -, scorching an entire bloodline, a lineage of works recognizable in their shared aesthetics, but soulless, devoid of the enthusiasm only the creative/destructive joy can offer audiences. And this was when he evoked the masters, above all Michelangelo and his ruined, impoverished figures, living-dead in sheer light and shadow.

And so he forgot about yesterday, went back thousands of years to an ancestral ground zero, the zone that precedes Creation, and

consequently to God the creator. Supreme freedom, Parigi thought: and thus the artist recreated not only the woman, but also the man and the transsexual.

\*\*\*

A body lay in the vestibule. Everyone ignored the soulless being that rested there. By then, the animal's lineage was impossible to ascertain: was it a man, woman or animal, transvestite, yellow or

mulatto, white, poor or mad? No one could know.

But Fancy Violence crossed that hall, marching over the corpse like someone who perceives the present only as mirage, her intuition telling her the future holds surprises even more revealing than the one she'd just gotten through. Step by step, she kept on steady and strong on Paulista Avenue, and in the blink of an eye she forgot about the work of art she'd just destroyed with precise

brushstrokes that were nonetheless as delicate as the hand that caresses the bulge underneath the holy cloak.

No fear can make the artist retreat. The power of destruction – to desecrate one's own work – proves to be the ultimate joy.

\*\*\*

That day, he decided of his own volition not to wake up. He would simply levitate, and thus remain above worldly disillusion. He would like to be appreciated in his entirety, whatever nonsense was uttered by the mouths of mortals who barely understood the creative virility his hybrid nature afforded him.

He hovered, surrounded by the beings he given life to. Monsters or beings, they were alive, in spite of everything and everyone. And they held vigil over his body.

\*\*\*

*Sometimes I love and build castles  
Sometimes I love so much I take a holiday  
And go on a tour of hell  
Am I Medieval?  
Baby, I think I'm such a hip guy  
in the latest fashion of the new middle age  
On the media of the median novelty*

Cazuza (loosely translated)

\*\*\*

Rocked by an underground song, guarded intently by the magnanimous sentinel atop the gallery – the Great Face, its beauty second to none –, they, Fancy and Rodolpho, both sleep the sleep of the just, side by side. And so years passed on end, until the artist woke, mad like William de Kooning painting in his final years, visceral like only David Cronenberg could be, passionate like Jean Genet in his prison daydreams. But there was a band in the background, playing in key, violent rhythm and all-out transgression, echoing guttural voices on classical architectures, like the dragonflies' wings in their scandalous geometry: the picturesque of the achiote mingling with the divine dust that emanates from the winged figures flying over an exploding universe.

But low and behold, the artist has fallen asleep despite the noise all around.



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler, 2015

levitação

rodolpho parigi

texto/text

**bernardo josé de souza**

tradutor/english version

**gabriel blum**

realização/produced by

**galeria nara roesler**

**galeria nara roesler**

**são paulo**

av europa 655

jd europa 01449-001

**abertura/opening**

22.05.2015

19 > 22h

**exposição/exhibition**

23.05 > 25.07.2015

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) detalhe/detail --

**libélulas stella**, 2015 -- lápis de cor

permanente sobre papel/permanent color

pencil on paper -- 140 x 250 cm

galeria

**nara roesler**

são paulo

rio de janeiro

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br